

DEPÓSITO LEGAL
10. SET. 1976

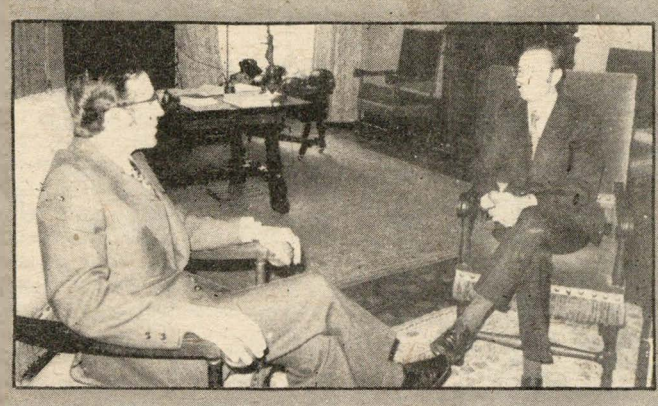
O PAÍS

Ano I número 34
Preço: 7\$50
semana de 27
de Agosto
a 2 de Setembro
1976

José Vacondeus Directores Vera Lagoa

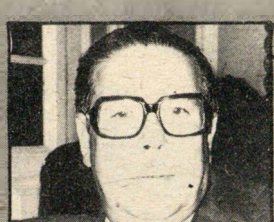
«Revolucionários»
que eu conheci:
A triste violeta (pág. 6)

Os Açores na ordem do dia



• Ramalho Eanes recebe
Álvaro Monjardino
presidente da
Assembleia Regional

• Toma posse
amanhã
o ministro
da República



• Mota Amaral
encarregado
de formar
Governo



Por nomear:

- O comandante chefe das Forças Armadas
- Os comandantes das regiões aérea e naval

CRISE MILITAR: QUEM TEM CULPA? A FALTA DE ESCLARECIMENTO CONTRIBUE PARA O CLIMA CRIADO

NO DECORRER de mais uma reunião do Conselho da Revolução, realizada na passada quarta-feira, o Exército, através do seu chefe do Estado-Maior, designou para membro daquele órgão político-militar o coronel de transmissões Amadeu Garcia dos Santos, que desempenhava as funções de chefe da Casa Militar do Presidente da República.

Entretanto, a Comissão Militar daquele Conselho, que é formada pelos chefes dos Estados-Maiores dos três ramos das Forças Armadas, reuniu-se também na manhã daquele dia e onde esteve ausente o general Morais da Silva, da Força Aérea, na altura na Indonésia a tratar de problemas relacionados com o repatriamento dos portugueses de Timor refugiados naquele país.

O motivo fundamental daquele encontro, que foi presidido pelo Presidente da República, foi a substituição no Conselho da Revolução do brigadeiro Pires Veloso (Exército) e do general Pinho Freire (Força Aérea).

O diferendo existente com a Força Aérea que segundo parece teve origem na falta de apoio à recente nomeação do general Vasco Lourenço para o cargo de Governador-Militar de Lisboa e que continua a ocupar um lugar no Conselho da Revolução, e a demora na escolha de um substituto para o general Pinho Freire, têm sido apontados como as causas de um provável divisionismo nas cúpulas militares, cujas consequências são, pelo menos de momento, imprevisíveis.

Após a escolha para substituto de Pires Veloso, o problema que se levanta é quem será o novo representante da Força Aérea naquele órgão político-militar. Morais da Silva, bastante ocupado com o problema

Não basta acusar os órgãos de Informação de atitudes especulativas. O essencial seria um frente a frente público de Vasco Lourenço e Morais da Silva.

dos refugiados de Timor, motivo por que se deslocou à Indonésia, ainda não se pronunciou sobre o assunto, muito embora já tenha abordado o problema com os comandos da Força Aérea. De nomes ainda nada se sabe.

As repercussões políticas desta crise militar estão já a causar alarme e terão, inevitavelmente, reflexo no meio governamental.

No final da reunião do Conselho da Revolução foi distribuído um comunicado em que se afirma que "não pode este órgão de soberania deixar de denunciar a especulação que algumas personalidades, grupos

políticos e órgãos de Informação vêm tecendo à volta das Forças Armadas, nomeadamente explorando factos da vida corrente da própria instituição".

Na realidade, aquelas ditas especulações (pelo menos algumas) só existem porque, até ao momento, ainda não houve nenhum esclarecimento oficial sobre o assunto, em especial dos elementos directamente envolvidos, seja o chefe do Estado-Maior da Força Aérea, seja o Governador-Militar de Lisboa.

Ao que se julga, o contencioso existente não é propriamente entre aquelas duas individua-

lidades político-militares, mas sim entre a Força Aérea e o Conselho da Revolução, já que partiu deste órgão a decisão de se graduar Vasco Lourenço em general e atribuir-lhe as funções de Governador Militar de Lisboa, sem deixar o cargo de conselheiro da Revolução.

Não basta desmentir!...

Sendo assim, a única forma de se evitar toda a espécie de especulações que surgem naturalmente, para mais quando as opiniões de entidades militares responsáveis divergem na apreciação do actual contencioso, seria um debate ou um esclarecimento público e profundo das causas da actual situação e em que estivessem presentes as duas figuras principais, pois do diferendo: Morais da Silva e Vasco Lourenço.

O Presidente da República será, sem dúvida, o árbitro na resolução de mais este conflito. Terá força suficiente para fazer ver às diversas opções que as consequências daquele diferendo podem ser graves? Julga-se que sim. Pelo menos, as altas figuras militares mostram-se esperançadas na sua capacidade de dissuasão.

A Força Aérea, que atingiu já um clima de estabilidade, pretende agora exercer um papel mais importante na conjuntura político-militar actual.

Crise ultrapassa sector militar

Para além deste aspecto, estritamente militar, tudo indica avizinhar-se novo clima de instabilidade por parte dos sindicatos, especialmente dos afectos à linha da Intersindical da Cintura Industrial de Lisboa, que já se manifestaram contra



Vasco Lourenço



Morais da Silva

continua na pág. 14

NOS TERMOS da Constituição Portuguesa, o Conselho da Revolução é um órgão de soberania formado por militares e que, segundo o art. 142.º "tem funções de Conselho do Presidente da República e de garante do regular funcionamento das instituições democráticas, de garante do cumprimento da Constituição e da fidelidade ao espírito da Revolução Portuguesa de 25 de Abril de 1974 e de órgão político e legislativo em matéria militar.

Embora constitucionalmente não seja este órgão eleito pelo Povo (como a Assembleia da República e o Presidente da República) nem sequer resulte indirectamente da vontade popular (como é o caso do Governo), a sua existência justifica-se pelo facto da estabilização democrática no País passar ainda hoje pelo empenhamento activo das Forças Armadas. E o Conselho da Revolução foi indirectamente aceite pelo Povo, dado que, nas últimas eleições legislativas, os partidos subscreveram com as Forças Armadas o pacto que deu expressão constitucional ao CR e essas organizações políticas foram esmagadoramente votadas pela quase totalidade do eleitorado.

Não se põe, portanto, o problema do desaparecimento do CR, nem numa perspectiva jurídico-constitucional nem sequer através da análise do que será a vontade popular sobre tal facto. Assim como não é possível a participação dos cidadãos na definição da sua estrutura,

modo de funcionamento e composição humana.

Mas, no entanto, não pode ser esquecida a importância que as Forças Armadas devem atribuir ao que a opinião pública pensa sobre elas, especialmente sobre os órgãos militares que, por terem elevadas funções políticas, têm muito a ver com a vida dos cidadãos.

Em democracia não há intocáveis, afirmou há tempos o capitão Sousa e Castro a propósito do falecido Fernando Oneto. Também agora se deve dizer aqui que o debate sobre os órgãos políticos fundamentais é um direito inalienável dos cidadãos e um sintoma de maioridade política dos governantes actuais — pois será a prova de que aceitam ser discutidos livremente por um povo que provou, lutando pela sua liberdade, que tinha atingido o direito de ser ouvido e ver respeitadas as suas opiniões.

"O PAÍS" está certo de que tem responsabilidades decorrentes do seu papel de relevo no panorama da imprensa portuguesa e está seguro também de que os seus leitores — por serem uma camada heterogénea da população — darão uma resposta que valará a pena ser atentamente analisada, pois que não devem apenas os "doutores", os lisboetas, os frequentadores de cafés e os administradores de empresas estatizadas pronunciar-se sobre temas que interessam a todo o Povo.

Por isso, e dentro duma concepção activa de jornalismo em que o leitor é cada

inquérito sobre os Conselheiros da Revolução
uma iniciativa de sentido democrático

vez mais chamado a participar na publicação a que se sente ligado, "O PAÍS" procura em cada momento responder às expectativas públicas sobre temas de candente actualidade. É o caso do Conselho da Revolução, objecto de alterações neste últimos dias, que reflectiram, na opinião dos observadores mais diversos, linhas de tensão no interior das Forças Armadas, tendo como árbitro o próprio Presidente da República.

Justificada se torna, pois, a iniciativa que irá principiar na próxima semana: uma vasta sondagem aos leitores do "O PAÍS" sobre os membros do Conselho da Revolução. Dessa forma se procurarão auscultar as opiniões existentes sobre a matéria e, ao mesmo tempo, fornecer às autoridades político-militares um quadro de referência do que

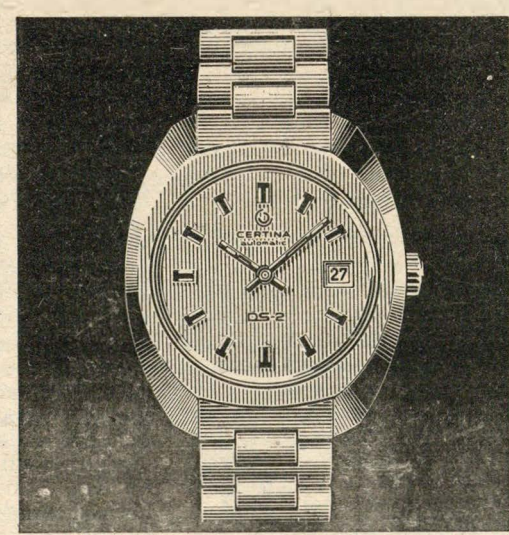
pensam os leitores deste semanário.

A democracia exige que as instituições sejam analisadas com clareza e em espírito de verdade. Por certo aparecerão vozes a considerar divisionista esta iniciativa. A elas diremos, desde já que, quem assim pensa será também partidário de que, divisionista é a democracia, por esta exigir a controvérsia pública de pareceres. O contrário, a imposição de unanimidades fictícias, destrói a liberdade e acaba por ser prejudicial aos próprios governantes que, de tanto se contemplarem num espelho falseado, acabam por não saber corrigir os seus erros.

É contra tal tentação que nos temos sempre insurgido. Será contra essa tendência que nos continuaremos a bater.

CERTINA

Certina-DS
o relógio
mais forte do mundo
porquê?
para si qual será
a melhor explicação?
— a nossa, ou a do técnico
da sua confiança?
faça-lhe a pergunta,
ele lhe revelará o **porquê!**



«Revolucionários» que eu conheci

A triste violeta ou saudação ao homem das dedicatórias

JÁ esperavas. Já esperavas, Urbano. Já esperavas, Urbano Tavares Rodrigues. Pediu-me um amigo íntimo (dos dois) que te poupasse. Sempre tinhas sido o "nosso" Urbano. Mas tu, o "nosso" esqueceste-te de quem te estimou e rodeou de carinho a vida inteira. Tu esqueceste-te dos teus amigos para endeusares os teus colegas do "Mutí", do "PC" e indústrias correlativas. Tu provocaste-me, chamando fascista a este, conhecendo-me há mais de vinte anos, tendo acompanhado a minha luta. Sabias, pois, que eu não me calaria. E, afinal, não tenho muito para dizer. Ou melhor. Tenho, mas não digo. Contento-me, para te revelar como "revolucionário", em contar a tua mania das dedicatórias, a tua colaboração íntima e ternurenta (és um poço de ternura) com altas figuras do regime deposto e com os escritores, teus colegas, da direita. Ser da direita não envergonha ninguém. Mas é preciso e necessário ter coragem para sê-lo. Navegar entre duas águas, é que não. Sabes a que me refiro.

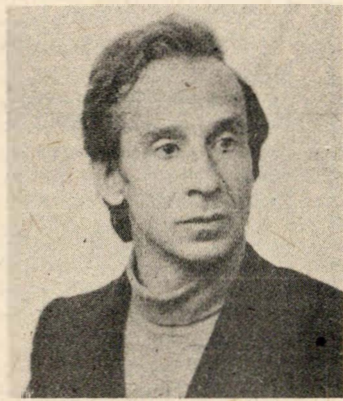
A Távola Redonda

Tu, Urbano, um homem "sempre, sempre, ao lado da esquerda" não colaboraste na "Távola Redonda" e no "Graal" dirigidos por António Manuel Couto Viana, esse, sim, um homem de direita? Até fazia parte do Conselho de Redacção o Goulart Nogueira, que também não engeita a cor política que prefere. Ora ninguém, ao que me parece, te obrigou a colaborar. Foste voluntário.

Mais. Gabavas-te a esses teus amigos (és capaz de agora não lhes falar) de Salazar te ter prestado homenagem à tua prosa. E fala-se muito (infelizmente não tenho o livro em meu poder) dumha dedicatória tua feita ao prof. Marcelo Caetano. Acho que esse livro anda por Coimbra. Mas tu deves saber.

A respeito de dedicatórias, lembro-me das tuas "Jornadas na Europa", dedicadas a Marcelo Matias! A Marcelo Matias, Urbano, que não era, precisamente o expoente máximo da esquerda portuguesa...

Pois, falemos de dedicatórias. Tenho na minha frente (eu ia lá



perder essa preciosidade!) as "Jornadas no Oriente" editadas pela Bertrand em 1956. Com uma dedicatória linda como todas as que me fizeste nos livros que me ofereceste, mas "dedicada" a obra ao "comandante Sarmiento Rodrigues (também será da esquerda?) e à guarnição do "Bartolomeu Dias" na volta da Índia".

Falemos, Urbano, violeta deliquescente, no capítulo VI do mesmo livro. Aqui vai:

"... A presença portuguesa em Goa, no passado e no presente, fez-me vibrar, irresistível, emocional, instintivamente. Ao lado dos nossos soldados, que aqui velam pela continuidade de Portugal em Goa, eu sentime-ia honrado, feliz, por dar a este solo ardente, se preciso fosse, o sangue que me corria nas veias. Aqui redescobri, não com a mente, que de há muito o sabia, mas com os nervos, que Portugal não é na verdade europeu, senão verdadeiramente universal."

E mais adiante:

"... Rapagões azambrados de Trás-os-Montes, toscos e viris como a rocha e a torga das suas serras, grossos e entroncados pagueiros beirões, lépidos es-

tremenhos maliciosos, esbeltos e aquilinos alentejanos meditativos, todos eles, soldados de Portugal, aqui estão, na brecha, dispostos a lutar ao sol pela Pátria e a morrer, se lhes couber em sorte, no caminho da honra. E não levam na boca nem o ódio, nem o insulto, incompatíveis com o verdadeiro valor".

Não posso deixar de comentar. Quando Salazar mandou o célebre telegrama mandando que morressem para salvar Goa, não me lembro, Urbano, de teres concordado com ele. Todos nós (recordas-te?) achámos que Goa devia ser livre. E tu não vieste a público brandindo o teu livro e oferecendo-te para "ali derramares o sangue que te corre nas veias". E aplaudiste os "rapagões azambrados de Trás-os-Montes, os aquilinos alentejanos, os lépidos estremenhos maliciosos, etc.", por lá não terem morrido. Quantas palavras tens, Urbano Tavares Rodrigues?

Em que fronteira estás?

Estou magoada. Fui muito amiga de teu pai, que hoje choraria por te ver nesta coluna de falsos revolucionários. Mas não te posso poupar. Aliás, aqueles que aqui descrevo são quase todos amigos. Ou antes. Eram-no até ao 25 de Abril que os revelou, que nos revelou a todos. Aos nossos olhos e aos olhos de todo o Mundo. Quem era corbarde, mostrou-o com demasia da evidência. Quem era valente também não o escondeu. Diz-me, Urbano, em que fronteira estás?

Voltemos às "Jornadas no Oriente".

Continuamos a ler o teu livro que eu não vendia por uma fortuna e chegamos à página 92, quando tu falas da "Homenagem à memória dos heróis de Dadrá":

"... Foi colocada mais uma lápida alusiva à morte heróica de Aniceto do Rosário e de António Fernandes. Aqui ouvi da boca do povo, repetida com emoção, a frase que Aniceto do Rosário disse ao governador de Damão, quando, pela última vez, este, apreensivo, o visitou no seu posto: "Parta V. Excelência descansado que, haja o que houver, não deixarei mal à bandeira de Portugal". Palavras belas! Mais belo ainda foi o gesto que as confirmou. Aniceto do Rosário escolheu a morte, com plena consciência do seu acto. Natureza simples, etc., etc."

E ainda:

"A expressão dos seus rostos não enganava. São homens prontos a dar a vida por uma realidade abstracta que os embriaga e os transcende: Portugal."

"Diante do monumento aos heróis, perante a heterogénea população de Damão, ali reunida, sob os coqueiros e as mangueiras da praça, com o Sol a pino, ardendo, rútilo, no céu lavado da Índia, houve uma cerimónia breve, mas impressionante. Dois pelotões de Caçadores, marciais, de capacetes fúlgidos, um pelotão da Polícia, não menos apurados, de farda de caqui, e um castelo da Mocidade formaram no largo. Em frente do monumento postaram-se os guardas-marinhas, de espada nua. Um deles, quando cessaram os últimos acordes do hino nacional, depôs um ramo de flores no pedestral e dirigiu uma rápida alocação ao povo de Damão, exaltando a sua lealdade e a sua coragem, traduzidas e simbolizadas no holocausto de Aniceto do Rosário e de António Fernandes".

Pois, Urbano, tu cantaste a homenagem aos heróis de Dadrá (sendo um deles da Pide) com um nacionalismo, um entusiasmo, um amor a Portugal Colonial por nenhum outro igualado. Consultando os jornais da época, não se encontra amor mais extremado, mais vontade de ali morrer, mais desejo de ali "deixar correr, em defesa de Portugal, o sangue das veias".

Para um vulto hoje lutador pela independência dos povos colonizados, um homem tão perseguido pela Pide, um homem que tanto sofreu com os rigores do antigo regime, deves confessar que o teu entusiasmo pela colonização da Índia, te deixa ficar um pouco mal.

A tua chegada, quando eras leitor

Foste um homem de esquerda. Mas não muito. Eu vi. Eu assisti à tua chegada a Portugal, vindo de Poitiers ou Montpellier ou coisa parecida, magro, moreno, olho quebrado, oferecendo o sangue das tuas veias a Portugal e a todas nós mulheres do teu país. Tinhas uma fragilidade que aproximava, uma fragilidade que provocava da nossa parte, a tal necessidade de te proteger. Usavas e abusavas disso. Embora eu não estivesse imune a esse género de homem (elas, bem pelo contrário...) a ti, Urbano nunca me foi difícil resistir. Eras um homem sem espinha dorsal e... tinhas muito mau hábito.

A Sociedade Portuguesa de Escritores

O que, verdadeiramente, começou a afastar-me de ti, foi a atitude que tomaste quando do célebre e triste caso da Sociedade Portuguesa de Escritores. Nessa altura, eu tomei decididamente uma atitude, decididamente deixei de falar a quem devia deixar de falar (não nomeio, porque hoje está vencido e eu não ataco vencidos) e tu continuavas terníssimo para com essa criatura. Um dia, na praia, no Algarve, na areia, muito ao fim da tarde, com a tua mulher, grande escritora e digníssima mulher, comentámos o facto. Eu apontava-te o romance que esse escritor (dum escritor se tratava) acabara de escrever pondo de rastos, enlameando, duas presas políticas portuguesas, que tu conhecias, que eu conhecia, que a Maria Judite conhecia. E eu explicava-te que não podia haver duas atitudes. Tua Mulher concordava comigo. Mas tu, mexendo na areia, sorrindo tristemente, explicavas que não te era possível tomar atitudes, cortar com essa pessoa. Muito longa seria esta história, mas, como disse, não quero tocar mais no assunto. Só quero mostrar que foste sempre assim. Bem com uns e com outros. Indignado nas reuniões de escritores e afável e ternurento quando encontravas na rua as pessoas a quem os escritores não falavam.

As duas caras

Duas caras, Urbano. Violeta roxa... e branca, no mesmo pé. Foste sempre um homem protegido. Tiveste sempre muito trabalho. Colaboraste assiduamente no SNI e, não quero jurar, mas julgo que recebeste mesmo um prémio da dita organização.

Eras o nosso Urbano nacional. As esquerdas louvavam-te e as direitas... sorriam.

Agora, passado o 25 de Abril, não me consta que tivesses ido visitar à prisão o almirante Sarmiento Rodrigues que cantaste tão ardentemente nas "Jornadas".

Não. Não ouvi dizer que lá tivesses ido. E essas coisas sabem-se sempre...

Quando frequentavas a casa do Augusto de Castro, como te derretias com o dono da casa e seus convidados. Que não eram, note-se, figuras de esquerda. Oh, não!

A tua indignação contra os jornais independentes não tem limites. "Fascista e fascizante" foi o menos que chamaste a este jornal que também dirijo. Tu, Urbano, em consciência, sem ser para agradar aos teus novos senhores, podias chamar-me fascista ou fascizante? Podias?

Já depois do 25 de Abril, já depois da revolução que mostrou as nossas verdadeiras caras (como, por exemplo, a tua e a minha) na Galeria de S. Mamede, em noite de exposição, pedias a um canto, com a tua voz mais macia, mais aveludada, à Manuela de Azevedo, que servisse de empenho para o teu irmão Miguel (que tinha chegado ou estava a chegar) entrar para o "Diário de Notícias". A Manuela de Azevedo não é pécê, mas servia-te. Influenciaria o Ribeiro dos Santos e arranjava-te um trabalho para lá infiltrar o Miguel, arcanjo de que também me ocuparei nestas colunas. Não é preciso ir muito longe para saber a história do mano. Senti-a na pele. Fui vítima da "generosidade e camaradagem" do mano Miguel. Mas, adiante. Não é dele que se trata.

Tu agora és PC convicto. Que assim continues é o que desejo, porque ao menos sempre tinhas tomado uma atitude definitiva. Mas se o PC se apaga?

Adeus, suave Urbano, nosso antigo Urbano nacional.

Conhecendo-te como me conheces, deves ter visto como te poupei. Hoje estou, muito generosa.

Vera Lagoa

P. S. — Se tens a memória, Urbano, que julgo que não tens, já te esqueceste, certamente, dos serões em minha casa, quando procuravas intensamente agradecer ao Eugénio Montes, meu amigo antigo. Não só procuravas a sua influência para ti, como a procuravas para os outros. Lembro-me, como se fosse hoje, quando eu morava naquela casita da Rua Artilharia Um, que tinha um pé de glicínia no quintal, e tu lá levaste um poeta chatíssimo para que o Eugénio o ouvisse e apadrinhasse. O poeta lia os seus poemas e o Eugénio, maçado, dizia: "Adelante, adelante". Foi um horror. Claro que o poeta que levavas pela mão ficou sem prefácio, a grande amizade do Eugénio perdeu o serão frustrado, mas tu ficaste muito triste.

O Eugénio Montes continua, já lá vão vinte e cinco anos, a ser um dos meus maiores amigos, continua da direita. E tu?